

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

**CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**MÁRIO MAGNO DE OLIVEIRA SILVA**

**O QUE ESTÁ POR TRÁS DA POLÍTICA GENOCIDA DA JUVENTUDE NEGRA EM  
FORTALEZA?**

Redenção

2018

MÁRIO MAGNO DE OLIVEIRA SILVA

**O QUE ESTÁ POR TRÁS DA POLÍTICA GENOCIDA DA JUVENTUDE NEGRA EM  
FORTALEZA?**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacqueline da Costa Silva

Redenção

2018

## RESUMO

Esse projeto de pesquisa realiza reflexões sobre o fenômeno da violência letal à juventude negra na cidade de Fortaleza. O objetivo geral é analisar o genocídio que ocorre atualmente na capital cearense e que, segundo o "Atlas da Violência 2017", é a capital que mais mata no Brasil. Entende-se que a cidade de Fortaleza realiza uma política genocida e que muitas dessas mortes são legitimadas por um discurso proibicionista de combate às drogas, que dá suporte a excessos por parte de agentes da lei e, por sua vez, alimenta a disputa pelo tráfico. Nesse contexto, é imprescindível compreender e discutir o que está por trás da legitimação dos altíssimos dados de violação aos corpos negros. Sendo feito um apanhado das pesquisas produzidas de 2005 – 2017 (Mapa e Atlas da Violência) que mostram dados estatísticos e relatórios enfatizando os problemas de grande concentração de morte e violência no Nordeste, no Ceará, em Fortaleza e demonstrando que essas mortes possuem classe, território, raça, gênero e geração, sendo a juventude pobre e negra a principal atingida. Para subsidiar as reflexões sobre o fenômeno genocida, dialogarei com autores como Achilles Mbembe, Michel Foucault, Giorgio Agamben, Anibal Quijano, Frantz Fanon, Patrícia Hill Collins e Ângela Davis, para compreender as chacinas ocorridas nos últimos anos em algumas comunidades no país, porém, em especial, em Fortaleza, como em Cajazeiras e na grande Messejana, na qual será realizada um grupo focal com familiares, amigos e comunidade. Assim, percebe-se que as instituições de punição e controle social reproduzem o racismo institucional. Portanto, faz-se necessário a compreensão desse fenômeno para conter o genocídio, cobrar do Estado a responsabilidade para criar mecanismos de reparação que combata a desigualdade, o racismo e o extermínio da juventude negra em Fortaleza.

Palavras Chaves: Juventude Negra. Violência. Fortaleza.

## RESUMEN

Este proyecto de investigación realiza reflexiones sobre el fenómeno de la violencia letal a la juventud negra en la ciudad de Fortaleza. El objetivo general es analizar el genocidio que ocurre actualmente en la capital cearense y que, según el Atlas de la Violencia 2017, es la capital que más mata en Brasil. Se entiende que la ciudad de Fortaleza realiza una política genocida y que muchas de esas muertes son legitimadas por un discurso prohibicionista de combate a las drogas, que da soporte a excesos por parte de agentes de la ley y, a su vez, alimenta la disputa por el tráfico. En ese contexto, es imprescindible comprender y discutir lo que está detrás de la legitimación de los altísimos datos de violación a los cuerpos negros. En el marco de las investigaciones de 2005 - 2017 (Mapa y Atlas de la Violencia) que muestran datos estadísticos e informes enfatizando los problemas de gran concentración de muerte y violencia en el Nordeste, en Ceará, en Fortaleza y demostrando que esas muertes poseen clase, el territorio, la raza, el género y la generación, siendo la juventud pobre y negra la principal afectada. Para subsidiar las reflexiones sobre el fenómeno genocida, dialogar con autores como Achilles Mbembe, Michel Foucault, Giorgio Agamben, Anibal Quijano, Frantz Fanon, Patricia Hill Collins y Angela Davis, para comprender las matanzas ocurridas en los últimos años en algunas comunidades en el país, pero , en especial en Fortaleza, como en Cajazeiras y en la gran Messejana, en la que se realizará un grupo focal con familiares, amigos y comunidad. Así, se percibe que las instituciones de castigo y control social reproducen el racismo institucional. Por lo tanto, se hace necesario la comprensión de ese fenómeno para contener el genocidio, cobrar del Estado la responsabilidad para crear mecanismos de reparación que combata la desigualdad, el racismo y el exterminio de la juventud negra en Fortaleza

Palabras Claves: Juventud Negra. Violencia. Fortaleza.

## **Agradecimentos**

“ Nossos passos vêm de longe, nossa vitória não será por acidente! ”

Queria primeiramente agradecer aos meus ancestrais, que nos guiam cotidianamente e observam nossos passos. Ao ventre que me teve, minha mãe, Maria de Jesus de Oliveira Silva, meu pai, Mario Almeida Silva, meus irmãos e irmãs, Augusto, Juscelina, Mariana, Junior, Mary Jusceane, Carmencyta e Phelype, as sobrinhas e sobrinhos, e familiares que, apesar da distância, estão presentes também dentro do meu coração. As minhas professoras (es) que me ajudaram no ensino fundamental e médio, a Escola Professor Monteiro de Moraes e João Nogueira Jucá, que me ajudou na importância de melhorarmos a cada dia para que possamos fortalecer um futuro com mais oportunidades. A Igreja Católica na qual aprendi valores de comunhão e fraternidade. Ao meu território, o bairro da Sapiranga, a favela do Muro Alto, que durante muito tempo tive vergonha, mas que hoje tenho orgulho de ver filhos e filhas desses lugares também tendo altos voos. Ao movimento estudantil que me ajudou a me rebelar as injustiças e lutar por melhorias no nosso dia a dia, em especial ao Movimento Kizomba. O movimento Negro, o Coletivo Enegrecer e o Movimento Negro Unificado – MNU que fortaleceram a minha identidade racial. Ao Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras – PT e a Democracia Socialista que me ajudaram na minha formação enquanto sujeito revolucionário. Aos amigos e amigas que fizeram a fazem parte dessa trajetória, Camila Torres, Rita Alencar, Mariana Lacerda, Geyse Anne, Paula Vieira, Alex Almeida, Adelle, Isabelle, Lucas, Jezabel, Sábado, Teodora, Amanda, Roberta Kaya, Anderson Carvalho, Caroline Lacerda, Matheus Maciel, Paulo Ferreira, Maria Carolina, GG, Pedro, Renata, Tainá, André, Bruno, Sam, Fáfá, Laís, Mirella, Diego Matheus, Idrissa, Nelo, Arsênio, Lya, Letícia, Ginésio, Van e tantas outras inspirações, que nos trouxe risadas, companheirismo, alegrias e principalmente resistência para que tenhamos dias melhores nesse mundo. Queria agradecer ao nosso eterno Presidente Lula, Dilma, Luizianne, Elmano e a todos que lutam por dias melhores. As Marielles, Cláudias, Doss, Matheusas, Dandaras, Amarildos, Almicar Cabral, Rosa Luxemburgo, Angela Davis, Anibal Quijano, Carolina Maria de Jesus, Karl Marx que resistiram e resistem a esse sistema. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ao PET de Humanidades e Letras, aos meus irmãos e irmãs de África e do Timor, aos docentes, em especial a Vera Rodrigues, Jacqueline Costa, Rosalina Tavares, Léia Menezes, Eliane Costa e Gislene Carvalho e todo o corpo discente da UNILAB. Queria muito poder agradecer e lembrar de todo mundo, mas deixo que possamos construir cada vez mais pontes de saberes intelectuais, culturais, societários e que fortaleçam cada vez mais a luta por um mundo mais justo e igualitário.

## SUMÁRIO

<b>1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 TEMA.....</b>	<b>6</b>
<b>3 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....</b>	<b>6</b>
<b>4 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....</b>	<b>6</b>
<b>5 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>6 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>7 OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
<b>7.1 – Geral.....</b>	<b>13</b>
<b>7.2 - Específicos.....</b>	<b>13</b>
<b>8 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>14</b>
<b>9 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>24</b>
<b>10 METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
<b>11 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....</b>	<b>32</b>
<b>12 CRONOGRAMA.....</b>	<b>33</b>
<b>13 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>34</b>

## **1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO**

Mário Magno de Oliveira, Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Jacqueline Costa Silva. O projeto está inserido na área de estudo sobre violência à juventude.

## **2. TEMA**

Os impactos da violência letal contra jovens negros no meio urbano brasileiro.

## **3. DELIMITAÇÃO DO TEMA**

O Racismo como elemento principal de legitimação territorial do genocídio da juventude negra em Fortaleza.

## **4. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA**

Por que e quem são os indivíduos atingidos pela violência letal em Fortaleza? Quais são os fatores que os colocam em vulnerabilidade? Por que morrem quase três vezes mais jovens negros do que brancos? Quem são os principais agentes que ocasionam suas mortes? Como lidam os familiares, amigos e a comunidade com a perda? Como o Estado garantirá a diminuição desse genocídio?

## 5. APRESENTAÇÃO

*Eles querem que alguém  
Que vem de onde nóiz vem  
Seja mais humilde, baixa a cabeça  
Nunca revide, finge que esqueceu a coisa toda (...)*

*Sou fogo no seu chicote  
Enquanto a opção for morte pra manter a ideia viva.  
Domado eu não vivo, não quero seu crime  
Ver minha mãe jogar rosas  
Sou cravo, vivi dentre os espinhos treinados  
Com as pragas da horta  
Pior que eu já morri tantas antes de você me encher de bala  
Não marca, nossa alma sorri  
Briga é resistir nesse campo de fardas.*

*(Mandume – Emicida)<sup>1</sup>*

Desde criança perguntava a Deus e ao Preto Velho porque tinha nascido nesse lugar, sendo filho da Maria de Jesus de Oliveira e do Mario Almeida Silva, empregada doméstica piauiense e vigilante cearense, tenho 7 (sete) irmãos, morando em uma periferia de Fortaleza e se considerando feio e sem valor social. Questionamentos que conseguiram se aflorar ainda mais na minha pré-adolescência, ficava me perguntando por que não tínhamos as mesmas condições que as patroas da minha mãe, e em especial dos seus filhos. Minha mãe sempre falava que tinha que estudar para ter um futuro melhor, mas muitas vezes a vontade de morrer era o que mais passava na mente... Marcas que até hoje nos arranham, mas que com o passar do tempo nos fortificamos para resistir e para que as futuras gerações consigam superar o que o capitalismo nos deixou. E isso nos faz caminhar. Na adolescência, fui disputar grêmio estudantil da Escola João Nogueira Jucá, no bairro da Sapiranga, no 9º ano (oitava série) e participei de uma formação política. Foi maravilhoso conseguir compreender o que era a “Mais Valia”, para entender que nossos corpos ao longo dos anos foram explorados. Posteriormente conheci a Kizomba, coletivo de juventude que faço parte, que relembra a “Festa das Raças” para que possamos resistir ao colonialismo. Depois conheci o Coletivo Enegrecer, no qual fui

---

<sup>1</sup> EMICIDA. ft. BARBOSA Drik, AMIRI, DALASAM Rico, MUZZIKE, ALAAFAN Raphão. **MANDUME**. 2016. Acesso em: <[https://www.youtube.com/watch?v=mC\\_vrzqYfQc](https://www.youtube.com/watch?v=mC_vrzqYfQc)>. Acesso dia 2 de junho.



rompendo “minha máscara branca” e me reconhecendo enquanto negro. E depois vivenciei a minha sexualidade, com a ajuda da Kizomba Arco-íris. E depois, aos 17 anos, me filiei ao Partido dos Trabalhadores, compondo a Democracia Socialista - DS, uma corrente que conseguiu fortalecer a luta anticapitalista classista, negra, feminista e LGBT para que possamos pensar na construção de um outro mundo possível.

Militei no movimento estudantil no João Nogueira Jucá e no IFCE quando era secunda, depois fui para a UECE e UNILAB. Essa última que sempre foi meu sonho, desde a sua criação, na qual o Deputado Eudes Xavier, que na época era da DS, foi o relator. Gostaria de lembrar de tantas inspirações que me forjaram, seja meus familiares amigos e amigas, professores e professoras que desde o jardim II até o final dessa graduação, minha direção política e aos autores e autoras que conseguiram, através da escrita, descolonizar mentes e fortalecer a necessidade de rompermos as correntes que o sistema nos impôs. Amei estudar na UNILAB, adorava os textos, os professores, o caráter de resistência simbólica da região, aos meus irmãos e irmãs de África e do Timor. Não terei tempo hábil para me debruçar o quanto gostaria, mas dizer que essa Universidade para mim foi uma REVOLUÇÃO. Estou realizando essa contribuição pois acho que todo estudante deve contribuir para a transformação da sua realidade, dos que estão ao seu redor e das futuras gerações. E acredito que denunciando esse sistema racista e que mata cotidianamente nossos povos, irei contribuir para que possamos romper o que o colonialismo nos deixou. Queremos que nossa juventude possa viver, amar quem quiser e ter a oportunidade de ter seus sonhos realizados. E quero ser mais um grito e um risco de esperança! Que as futuras gerações cada vez mais estejam na linha de frente do rojão!

Por nossos mortos nenhum minuto de silencio, mas toda uma vida de luta!

Anderson, Marielle, Cláudia, Amarildo, Doss, Everton, Matheusa, Dandara, Sula

Presente!

## 6 INTRODUÇÃO

*“Por mais que você corra irmão  
 Pra sua guerra vão nem se lixar  
 Esse é o X da questão  
 Já viu eles chorar pela cor do orixá?  
 E os camburão o que são?  
 Negreiros a retraficar  
 Favela ainda é senzala, Jão!  
 Bomba relógio prestes a estourar (...)  
 Nessa equação, chata, polícia mata? Plow!  
 Médico salva? Não! Por quê? Cor de ladrão”*

(Boa Esperança – Emicida)<sup>2</sup>

Falar do “Genocídio da Juventude Negra” é bem desafiador e ao mesmo tempo doloroso para quem já perdeu um familiar, amigo ou conhecido, para quem sofre cotidianamente o racismo. Pois a cada dia perde-se a esperança de viver com dignidade. A barbárie de sociedade erguida sob a égide do capitalismo desumaniza os corpos negros, naturalizando a violência por meio de uma seletividade de classe, raça e gênero.

Tendo o direito à vida perdida, devemos encarar o extermínio como um dos principais problemas do mundo contemporâneo e caracterizado como sendo a continuidade de alto índice de homicídio no mundo, em especial, na América Latina e no Caribe, que possuem cerca de 1/3 (33%) dos índices mundiais, mesmo possuindo apenas 8% da população internacional, como é afirmado no relatório do Instituto Igarapé.<sup>3</sup>

O Atlas da Violência (2017), de acordo com o Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde, afirma que no Brasil houve 59.080 homicídios, o que equivale a uma taxa de 28,9 mortos a cada 100 mil habitantes em 2015, entre jovem de 15 a 29 anos cresce ainda mais esse índice que passa para 60,9 assassinados. Isso representa cerca de 10% dos homicídios mundiais e que segundo os critérios da Organização Mundial da Saúde

<sup>2</sup> EMICIDA. **Boa Esperança**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>>. Acesso dia 5 de março de 2018.

<sup>3</sup> Segundo o **Observatório de Homicídios do Instituto Igarapé**, que é um instituto sem fins lucrativos, independente e apartidário, que prioriza temática de segurança e desenvolvimento. Afirmando que quase 440 mil pessoas foram assassinadas no mundo em 2012. Disponível em: <<https://igarape.org.br/apps/observatorio-de-homicidios/>>. Acesso em: 10 de março de 2018.

(OMS) – com taxa de 10 homicídios para cada 100 mil habitantes - é considerada uma epidemia.

Nesse contexto de violência o Nordeste brasileiro se apresenta com um grande marco histórico de desigualdade. Possui uma população majoritariamente e historicamente marginalizada com pouco acesso às políticas públicas e sem direito ao aparato da segurança pública comparado à população de outras regiões e bairros de classe média.

De acordo com a mesma fonte, a região Nordeste, possui 5 dos 10 estados que possuem taxas mais elevadas de homicídios em 2015. Tendo Sergipe e Alagoas liderando essa triste realidade, com índices 58,1%, 52,3%, respectivamente, a cada 100 mil habitantes. E o Estado do Ceará é o terceiro do país com maiores índices. De 2005 a 2015 o Ceará teve uma taxa de aumento de 122%, que em 2005 era de 21% a cada 100 mil habitantes e passou para 46,7% em 2015. E se agrava ainda mais quando pegamos os índices juvenis que em 2005 era 40,4%, em 2015 temos o índice de 101,9%. Quando colocamos a taxa da população negra – negros (as) e pardos (as) - vemos uma latente diferença. De 2005 a 2015, vemos um aumento de violência letal à população negra de 149,7% enquanto a população não negra - brancos, amarelos e indígenas - foi um aumento de 63,0%. E ainda se torna mais absurdo a disparidade quando olhamos especificamente por ano. Enquanto em 2005 via-se a taxa de 14,3% para a população negra, para não negros era de 5,5%, já em 2015 foi 35,8% e para não negros foi de 9,0%. E se olharmos o ano de 2016 a taxa de homicídios de homens negros foi 4,7 vezes maior que a de não negros no mesmo ano.<sup>4</sup>

E no Mapa da Violência de 2016, as mortes por armas de fogo no Ceará atingiram 94,8% pessoas do sexo masculino. Portanto, esses tristes resultados demonstram que há um grande contingente de violência letal, na qual há uma política genocida que tira a garantia de viver de milhares de pessoas, em especial jovens negros de periferias.

Fortaleza é onde fica a maior concentração da violência no estado, acompanhada de municípios como Maracanaú, Caucaia, Sobral, Maranguape e Juazeiro do Norte. Fortaleza é a capital do Estado do Ceará, que se iniciou nas margens do rio Pajeú, possui denominação em alusão ao Forte Schoonenborchm, que foi construído pelos colonialistas holandeses, durante os anos que permaneceram no local entre 1649 e 1654, assim dando “origem” à cidade.

---

<sup>4</sup> Dias antes da apresentação deste trabalho saiu o Atlas da Violência de 2018, que analisa os dados de 2006 a 2016. Como não teria tempo de modificar, preferir apenas apresentar esse dado alarmante que entra no foco do projeto. No qual o povo negro é a prioridade no genocídio. O Povo Online, **Taxa de homicídios de homens negros no CE é 4,7 vezes maior que a de não negros**. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/cidades/2018/06/taxa-de-homicidios-de-homens-negros-no-ce-e-4-7-vezes-maior-que-a-de-n.html>>. Acesso em: 06 de junho de 2018.

Posteriormente colonizada por portugueses, mas seguindo o lema "Fortitudine" que significa força. Mas com o passar dos séculos, os canhões que serviam para segurança do Forte contra inimigos não apontavam apenas para o litoral, mas também na própria Vila de Fortaleza. Mostrando que desde a posição dos canhões, a história dessa cidade possui relação de violência contra seu próprio povo, que até nos dias de hoje esse "canhão" é apontado há milhares de vidas.<sup>5</sup> Sendo ainda uma cidade muito desigual, intitulada como a capital mais violenta do Brasil, tendo exterminado, em 2015, 1729 vidas, com a taxa de 78.1% a cada 100 mil habitantes, e se mantendo como uma das metrópoles com maiores números de homicídios do planeta.

Diante desse fenômeno de ampliação da violência, faz-se necessário que a sociedade, os grupos e movimentos organizados, bem como os (as) líderes políticos deste país entendam e fortaleçam a luta pela garantia do direito de viver, defendida cada vez mais nas universidades, no movimento negro e nos diversos espaços de lutas, nos quais fortalecem a denúncia feita por Achille Mbembe (2003), como sendo a "Necropolítica", ou seja, mortes em larga escala ocorridas nos territórios que há presença majoritariamente da população negra. E assim justificando que o povo negro periférico é a principal vítima de violência letal, portanto, caracterizado enquanto genocídio. (LEMKIN, 1946).

Algumas hipóteses tentam justificar esses dados alarmantes de violência. A primeira delas está associada como o fato de o Brasil ser um dos países que tem como lema a "Guerra às drogas", que não passa de um discurso proibicionista<sup>6</sup> de combater o uso e consumo de drogas, mas que tem como pano de fundo ações truculentas do aparato policial e a disputa territorial sobre o controle do tráfico, produzindo um grande contingente de vítimas que possuem cor, a população negra. De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU (2013), é justamente essa política que foi construída pelos governos dos Estados Unidos da América – EUA, conhecida pelo seu fracasso. Mesmo sendo implementada há mais de 40 anos, o uso e o consumo de drogas só aumentou, assim como o encarceramento, os homicídios, a corrupção institucional, ampliação das dificuldades no desenvolvimento social e econômico e as violações aos direitos humanos.

---

<sup>5</sup> ARAÚJO, Henrique. **Nossos canhões imaginários**. O Povo. Fortaleza, 13. abr. 2015. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/especiais/fortaleza/289anos/2015/04/06/notfortaleza289,3417403/nos-sos-canhoes-imaginarios.shtml>>. Acesso em: 10 de março de 2018.

<sup>6</sup> DELMANTO, Júlio. **Camaradas caretas: drogas e esquerda no Brasil após 1961**. 2013. Disponível em: <[http://www.neip.info/downloads/2013\\_JulioDelmanto.pdf](http://www.neip.info/downloads/2013_JulioDelmanto.pdf)>. Acesso em: 10 de março de 2018.

São alguns desses fatores que corroboram para o crescimento dos atingidos (as) pela violência, em especial a juventude negra periférica. De acordo com o Júlio Jacobo Waiselfiz (2016), autor das pesquisas do mapa da violência desde 1998, relata que entre os anos de 1980 e 2014 de acordo com o SIM, morreram quase 1 milhão de pessoas (967.851), vítimas de disparo por arma de fogo. Que no ano de 1980 era 8.710, para 44.861 em 2014, o que se verifica como um aumento de 415% e que mesmo com a aprovação do Estatuto do Desarmamento, não conseguiu diminuir os índices negativos. O racismo, a violência e a impunidade são questões fundamentais para entender essa política genocida.

Primeiramente será realizado um apanhado de pesquisas produzidas de 2005 - 2017 que mostram dados estatísticos e relatórios enfatizando os problemas de grande concentração de morte e violência, em especial a jovens pobres e negros, no país, no Nordeste, no Ceará e em Fortaleza. Como relata o Mapa e o Atlas da Violência, que utilizam dados do Sistema de Informação de Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM/DATASUS), a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Assassinato de Jovens e entre outras instituições educacionais, de pesquisas e do movimento negro e social que denunciam os alarmantes dados sobre a população negra. Para subsidiar as análises sobre o fenômeno da violência dos corpos negros ou o genocídio da população negra, dialogarei com autores como Achilles Mbembe, Michel Foucault, Gioige Agaben, Anibal Quijano, Fantz Fanon, Patrícia Hill Collins e Ângela Davis para compreender as chacinas ocorridas nos últimos anos em algumas comunidades no país, e em especial, por exemplo, as maiores chacinas do Ceará, que foi em Cajazeiras e na grande Messejana. No qual será realizado grupos focais

Mostrando o quanto o direito à vida deve ser prioridade do poder público e que faz parte da necessidade de uma reparação histórica a população afro-brasileira.

## 7 OBJETIVO

7.1 **Geral:** Comprovar as motivações do genocídio de jovens negros na cidade de Fortaleza.

### 7.2. **Específico:**

- a) Coletar informações e dados sobre o genocídio da juventude negra;
- b) Contribuir para o campo de estudos sobre violência e juventude negra em Fortaleza-CE;
- c) Analisar como familiares, amigos e a comunidade lidam com a perda desses (as) jovens;
- d) Levantar se há por parte do Estado um conjunto de medidas reparatoria as famílias vítimas de violência.

## 8 REVISÃO DE LITERATURA

*"A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 (4x)  
 Que fez e faz história  
 Segurando esse país no braço  
 O cabra aqui não se sente revoltado  
 Porque o revólver já está engatilhado  
 E o vingador é lento  
 Mas muito bem intencionado  
 E esse país  
 Vai deixando todo mundo preto  
 E o cabelo esticado"*  
 (A Carne – Elza Soares)<sup>7</sup>

O conceito genocídio foi uma junção entre a palavra grega *genos* que significa família, etnia e o sufixo do latim *cide* que significa matar. Portanto, o genocídio é o crime que destrói grupos sejam regionais, raciais ou religiosos de alguma nação. Foi criado pelo polonês judeu Raphael Lemkim, em 1943, a partir da percepção das ações violentas que ocorreram ao longo da sua história, como por exemplo o ataque dos turcos contra os armênios, Hitler contra os judeus. Assim, ele foi aos fóruns internacionais por entender que era necessário criar medidas legais de proteção as comunidades que sofriam perseguições.<sup>8</sup>

Após os crimes produzidos pelo Nazismo, foi investigado pela ONU essas atrocidades através do tribunal de exceção de Nuremberg em 1948, na qual aconteceu a Convenção para a Prevenção e a Repressão do crime de Genocídio. E o acúmulo dessa convenção saiu uma resolução que definiu como punição e também caracterizou o genocídio. Como é afirmado no artigo II do documento:

Qualquer um dos seguintes atos cometido com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um nacional, étnica, grupo racial ou religioso, como tal:

- (a) Matar membros do grupo;
- (b) Causar sérios danos corporais ou mentais aos membros do grupo;
- (c) Deliberando infligir ao grupo condições de vida calculadas para provocar sua destruição física no todo ou em parte;
- (e) Impor medidas destinadas a impedir nascimentos dentro do grupo;

<sup>7</sup> ELZA, Soares. **A Carne**. 2002. Disponível nova versão em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1YmBHau-oeg>>. Acesso em: 5 de março de 2018.

<sup>8</sup> Museu Histórico do Holocausto. **Linha Cronológica sobre o Conceito de genocídio**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007095>>. Acesso em: 15 mar 2018.

(f) Transferência forçada de crianças do grupo para outro grupo.<sup>9</sup>

No Brasil, em 1956, Juscelino Kubitschek, atual presidente naquele momento, sancionou a lei que caracteriza o crime de genocídio no Brasil, muito de acordo com a resolução da Convenção, criando a Lei Nº 2.889, de 1º de outubro de 1956.<sup>10</sup> Assim, o Estado “tentando” criar medidas que garantam a punição aos que cometeram tais atrocidades.

A partir dessa base conceitual e de medidas que institucionalizaram a preocupação sobre esse crime contra a humanidade, faz-se necessário ainda nos dias de hoje que os e as intelectuais, os movimentos sociais e o conjunto da sociedade continuem a realizar denúncias e contribuir para a ampliação das reflexões no campo da sociologia, da luta política e da sociedade, mesmo ainda sendo insuficiente para entender e combater esse fenômeno. Como visualiza-se em Abdias Nascimento (1978) na sua obra “O genocídio do povo brasileiro” afirmando que as relações raciais no Brasil é um processo histórico de tentativa de branqueamento dos corpos e das mentes. E que o genocídio realiza uma série de violências simbólicas e materiais que é demonstrada através do racismo contra a população negra brasileira.<sup>11</sup> Assim sendo considerado um dos intelectuais que mais conseguiu relacionar esse conceito com a situação vivida pela população negra no país. Já Fanon (1968) também tinha reconhecido que são os corpos negros que sofrem violência, sendo esse um resultado da tentativa de apagar o negro e fortalecer o processo de desumanização. Já outras pesquisas contribuem no campo da sociologia das violências, demonstrando a maior possibilidade que a população negra possui de serem discriminadas nas instituições de punição e controle social. (ADORNO, 1996).

Para que possamos nos debruçar melhor sobre isso nesse projeto, dialogaremos com Jacqueline Sinhoretto e Danilo de Souza Morais (2018)<sup>12</sup> que afirmam que no campo da sociologia, são produzidos estudos sobre as relações étnico-raciais que produzem diversas compreensões da sociedade brasileira, e entre elas, não poderia faltar uma temática tão latente que é o caráter violento dessas relações, em especial das instituições e mecanismos de controle social sobre as populações negras e indígenas. E que maioria das vezes nas definições sobre da

<sup>9</sup> SCHABAS, William A. **CONVENTION FOR THE PREVENTION AND PUNISHMENT OF THE CRIME OF GENOCIDE**. Pg.1. Disponível em: < [http://legal.un.org/avl/pdf/ha/cppcg/cppcg\\_e.pdf](http://legal.un.org/avl/pdf/ha/cppcg/cppcg_e.pdf)>. Acesso em: 15 de março de 2018.

<sup>10</sup> BRASIL. **LEI Nº 2.889, DE 1º DE OUTUBRO DE 1956**. Define e pune o crime de genocídio. Rio de Janeiro, 1956. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-2889-1-outubro-1956-355184-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 15 de março de 2018.

<sup>11</sup> NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Disponível em: <<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/o-genocidio-do-negro-brasileiro-processo-de-um-racismo-mascarado-abdias-do-nascimento.pdf>>. Acesso em: 18 de março de 2018.

<sup>12</sup> SINHORETTO, JACQUELINE ; DE SOUZA MORAIS, DANILO . **Violência e racismo: novas faces de uma afinidade reiterada**. Revista de Estudios Sociales, v. 64, p. 15-26, 2018.



sociologia das violências e dos mecanismos de controle social e de punição, o racismo e as relações Étnico-raciais não são tão priorizados, mesmo sendo citadas, possuem um peso analítico menor do que outras categorias, como classe, território e desempenho de gênero ou masculinidade. E quando as relações raciais aparecem possuem caráter mais individualistas dos que sofrem os conflitos violentos ou dos atingidos pelas instituições punitivas. Realizando a crítica de que muito dessas produções apenas conseguem descrever a desigualdade dos papéis sociais e que poucas vezes são elucidadas “como elemento explicativo ou indissociável da interpretação dos fenômenos violentos e de seu tratamento institucional.”

A sociedade contemporânea traz diversos marcos do desenvolvimento econômico, científico, estético, político, jurídico e entre outras questões que nos condicionam aos novos modelos de dominação ideológica e da constituição de uma sociedade disciplinar. Pois são as relações sociais que formulam mecanismos de imposição de poder, disciplina e violências, demonstrando como essas relações possuem grandes impactos no desenvolvimento social e na construção de valores de organização da sociedade na atualidade.

Muitos desses mecanismos de poder podem ser observados no filme *A Clockwork Orange*<sup>13</sup>, de Stanley Kubrick, a estética da ordem e da violência são valorizadas, como percebe-se no desenvolvimento dos métodos de punição e domesticação da humanidade, através da técnica de Ludovico, que é um mecanismo criado para o controle social que reestabeleceria o sentimento no indivíduo da ordem e da lei e foi feito a primeira experiência em Alex, que no filme faz um papel de um jovem de 15 anos que tem posturas de “delinquente” e reproduz atos de crueldade e violência. E isso mostra muito bem o que Foucault afirma na *Surveiller et Punir: Naissance de la Prison* (1987)<sup>14</sup>, sobre as representações técnicas de poder disciplinar que os métodos coercitivos representam, seja as prisões ou as instituições sociais nas quais foram criadas por esses preceitos. Como apresenta no modelo Panóptico de Bentham que também é mostrado no filme como um modelo de prisão que preza pela ordem e pela hierarquia, que é chamado por Foucault de espécie de laboratório de poder.

Jaime Amparo (2010) faz uma análise da obra de Michel Foucault e afirma que ele identifica que desde o século XVIII surge um novo modelo de governar. Se no período da

---

<sup>13</sup> **Laranja Mecânica**. Direção: Stanley Kubrick. Columbia-Warner. Estados Unidos - 1971. Formato: 136 min. Dirigido e adaptado para o cinema por Stanley Kubrick, o filme foi baseado do romance de Anthony Burgess, publicado em 1962. Disponível em: <<http://www.thepiratefilmshd.com/laranja-mecanica-1971-torrent-bluray-720p-e-1080p-dual-audio-5-1-download/>>. Acesso em: 20 de março de 2018.

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. Disponível em: <[http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault\\_vigiar\\_punir.pdf](http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault_vigiar_punir.pdf)>. Acesso em: 20 de março de 2018.

monarquia a autoridade era o rei enquanto soberano e exercia seu poder através da punição, execução pública através espetáculos, mas se

*Instaurou um novo regime de poder que tomou a vida, e não a morte, como seu fim último. A habilidade do aparato de poder de promover a vida, ainda que por meio da morte, é o que o autor denomina de biopoder<sup>15</sup>. Desde então, a legitimidade do soberano não mais se basearia no poder de tirar a vida per si, mas no poder de produzir vida, otimizá-la, multiplicá-la. O foco do exercício do poder moderno se deslocou da morte para a administração calculada e otimizada da vida (Foucault, 1990, p.136). ”<sup>16</sup>*

De acordo com o Mapa da Violência (2015), o discurso de impunidade, a lentidão dos processos judiciais e a inexperiência da investigação policial são fatos que colaboram para que a sociedade entenda que a violência é tolerável em algumas circunstâncias, dependendo “com quem prática, contra quem, de que forma e em que lugar. ” (VALESAN, 2015, p. 9).

Historicamente, as periferias foram e são lugares nos quais incomodam as elites, de um lado são vistos como exóticos, por outro lado um lugar propício ao crime e desordem, ameaça a ordem urbana e um grande problema das pessoas e do Capital. (ZALUAR 2000). Um lugar no qual a força repressora do estado também atua com muita prioridade e utiliza das suas principais tecnologias para contenção social, como ver-se na "Intervenção Federal no Rio"<sup>17</sup>, na atuação da Polícia Militar no Ceará (PM –CE) que em apenas quatro anos aumentou 292% as mortes após ações policiais. <sup>18</sup>

Gioige Agaben (1995) realiza reflexões sobre o "campo de concentração modernos" e aponta que os espaços periféricos se tornaram essa "anomalia do passado" e até nos dias de hoje ainda reproduz a violência. Conceituando que o "*homo sacer*" é aquele no qual permanece em situação de exclusão cotidiana do acesso à cidadania enquanto ser humano e que pode ser morto e não sacrificado. Que o "poder soberano" pode matar, mas sem cometer homicídio, pois aquela vida não possui valor.

---

<sup>15</sup> Biopoder é uma expressão criada por Michel Foucault que fala da prática dos Estados modernos e a sua regulação sobre a população através de diversas formas de subjugar e controlar o povo.

<sup>16</sup> ALVES, Jaime Amparo. **Necro-política racial: a produção espacial da morte na cidade de São Paulo**. Revista da ABPN, Volume 1, número 3, nov. 2010 - fev. 2011 - ISSN 2177-2770. Disponível em:

<<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewArticle/100>>. Acesso em: 20 de março. 2018.

<sup>17</sup> Folha de São Paulo, **Após 40 dias, intervenção de Temer segue sem rumo contra a violência no Rio**.

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/apos-40-dias-intervencao-de-temer-segue-sem-rumo-contra-a-violencia-no-rio.shtml>>. Acesso em: 30 de março de 2018.

<sup>18</sup>Diário do Nordeste, **Mortes por intervenção policial triplicam no Ceará**. Disponível em:

<<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/mortes-por-intervencao-policial-triplicam-no-ceara-1.1884679>>. Acesso em: 20 de março de 2018.

Já Achilles Mbembe apresenta que essas novas e velhas formas de articular os mecanismos de dominação fazem uma nova forma de exercício do poder soberano – governabilidade – na qual necessita "do controle dos corpos (ou sobre concentrá-los em campos)" e que "as novas tecnologias de destruição estão menos preocupadas em confrontar os corpos em aparatos disciplinares que, quando chegar a hora, conformá-los à ordem da máxima economia representada pelo massacre". Assim percebe-se que a figura do "homo sacer" representa a condição da população negra no Brasil, pois existe uma necropolítica espacial em que os corpos e territórios negros são prioridades para a política genocida. Que é através da violência institucional, seja pela violência policial ou a exclusão dos direitos básicos.

As contribuições epistemológicas como os conceitos de "Biopoder" de Foucault e "homo sacer" de Agamben ainda são insuficientes para colocar o que Jacqueline Sinhoretto e Danilo Morais apresentam como necessário para que haja uma compreensão da produção da violência e do controle social, pois deverá possuir na reflexão uma análise intrínseca as relações Étnico-raciais, assim, dialogando com Mbembe que afirma que as tecnologias usadas para contenção e repressão social são utilizadas apenas em territórios nos quais a população negra se encontra, isso fortifica a demonstração que o racismo estrutura o direito de viver e liberdade nos territórios majoritariamente negros, legitimando o Estado brasileiro a realizar uma necropolítica.

Para que se possa compreender melhor o fenômeno da violência na sociedade brasileira, necessita de paciência, pois não há respostas prontas e rápidas e que há um amplo olhar para compressão da violência. Por isso sociólogos afirmam que esse fenômeno da violência é ambíguo e polifônico. Assim, exigindo uma análise transversal entre "história, cultura e moral". (PAIVA, 2015).

Isto possibilita que, ao considerar uma situação de violência, não posso, simplesmente, interpretá-la como evidência objetiva de um acontecimento. A violência, em nenhuma circunstância, pode ser interpretada sociologicamente como evidente. Seus efeitos simbólicos e políticos envolvem uma série de tramas construídas por sujeitos em suas relações sociais perpassadas por relações de poder. É assim que um fato, que deveria revoltar, pode produzir adesão; ou o que produz dor, pode gerar alegria, dependendo do ponto de vista do observador que reage à situação. (PAIVA, 2015)<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> PAIVA, Luiz Fábio S. **Mortes na periferia: considerações sobre a chacina de 12 de novembro em Fortaleza**. Revista o público e o privado. n (26). PPS UECE. 2015 . Disponível em: <<http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=1414>>. Acesso em: 21 de março de 2018.

Nesse cenário bélico no qual o corpo negro é violentado, não possuindo valor, sendo naturalizado sua morte, fortalecendo o ditado como “bandido bom é bandido morto”, sem ocorrer investigações necessárias e não tendo comoção com os extermínios, vê-se o crescimento dessas repercussões no meio popular, seja nos discursos das redes sociais ou nas representações do Estado. Através de algumas matérias de jornais relata-se casos de chacinas ocorridas no território nacional:

A Chacina de Acari, como foi denominada, aconteceu no dia 26 de julho de 1990, quando onze jovens, dentre eles sete menores, moradores da favela do Acari no Rio de Janeiro, foram retirados de um sítio em Suruí, no bairro do município de Magé, onde passavam o dia, por um grupo que se identificou enquanto policiais. Os meninos foram levados para um local abandonado e até os dias de hoje nem as vítimas e os assassinos foram encontrados. As Mães de Acari, que perderam seus filhos, até hoje buscam seus filhos e justiça.<sup>20</sup>

A Chacina da Candelária, aconteceu no dia 23 de julho de 1993, tendo perdido a vida 8 (oito) jovens de 11 a 19 anos, desses, seis eram menores de idade, próximo à Igreja da Candelária, no centro do Rio de Janeiro. As vítimas eram pessoas em situação de rua e estavam dormindo durante o ocorrido e acabaram sendo vítimas dos policiais militares (PMs). Que até hoje, mesmo após condenação de alguns, ainda continuam em liberdade.<sup>21</sup>

A Chacina de Vigário Geral, aconteceu no Rio de Janeiro, no dia 29 de agosto de 1993, foi invadida por cerca de 50 homens encapuzados e fortemente armados e invadiram casas e executaram 21 moradores. Nenhum dos executados tinha relação com o tráfico de drogas, todos trabalhavam e tinham endereço regular. Tudo indica que esse extermínio foi em represália à morte de quatro PM's, que tinha acontecido no dia anterior, conhecido como “Catolé do Rocha”, essa ação atribuída aos traficantes da localidade. A milícia de policiais era conhecida como “Cavalos Corredores” por amedrontar a comunidade atirando. Depois de alguns meses, 13 polícias foram expulsos da corporação, na época, indo a imprensa para falar que isso foi “um complô” contra a corporação que não possui nada a ver com o extermínio. E desde esse período, dos 52 envolvidos com a chacina apenas seis foram condenados, dois cumprindo pena

---

<sup>20</sup> Geledés - Instituto Da Mulher Negra “é uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras, em particular, e da comunidade negra em geral.” Faz divulgação de conteúdos que defendem os direitos humanos e nesse caso faz denúncias as chacinas que ocorreram no país e no mundo. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/quanto-sangue-derramado-o-genocidio-do-povo-negro/>>. Acesso em: 22 de março de 2018.

<sup>21</sup> Geledés - Instituto Da Mulher Negra faz divulgação de conteúdos que defendem os direitos humanos e nesse caso faz denúncias as chacinas que ocorreram no país e no mundo. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/quanto-sangue-derramado-o-genocidio-do-povo-negro/>. Acesso em: 22 de março de 2018.

e quatro soltos com *habeas corpus*. Um está foragido, cinco morreram e o restante foram absorvidos por falta de provas.<sup>22</sup>

No dia 10 de julho, de 1998, ocorreu a chacina do Beco do Candeeiro, onde 3 (três) adolescentes foram executados a tiros, possuíam 13, 15 e 16 anos, por policial militar, no Centro Histórico de Cuiabá. Um deles conseguiu fugir. E em 2014, o principal suspeito foi inocentado. E na Praça Senhor dos passos em memória dos três meninos possuem uma estátua para que nunca mais aconteça tal crime.<sup>23</sup>

De acordo com um levantamento da Universidade de Harvard, no período dos dias 12 e 20 de maio de 2006, no estado de São Paulo, cerca de 564 pessoas foram executadas, tendo a maioria a participação de policiais. Desses 50% eram negros, 96 % do sexo masculino, 94% sem antecedentes criminais, 63% até 25 anos. O alarmante número de assassinato, o pouco interesse da justiça em culpabilizar os responsáveis, fez com que fosse criado o Movimento Mães de Maio, que se tornou ao longo dos anos um movimento social de combate aos crimes do Estado, construído principalmente pelos familiares das vítimas desse genocídio.<sup>24</sup>

No dia 6 de fevereiro de 2015, ocorreu uma operação da polícia militar do estado da Bahia, que envolveu 9 (nove) agentes, na Vila Moises, no Cabula, comunidade de Salvador, onde foram executados 12 jovens, que possuíam entre 16 e 27 anos. E a impunidade é uma das principais marcas do processo de violência, nesse caso, o Departamento de Polícia Técnica (DPT), concluiu que não foi execução, mas sim confronto. Essa informação é contrária a investigação independente que o Ministério Público Estadual (MPE) realizou.<sup>25</sup>

No dia 12 de novembro de 2015, no território da Grande Messejana, na periferia de Fortaleza, onze pessoas foram assassinadas e 7 (sete) feridas. Todas do sexo masculino, 9 (nove) entre 16 e 19 anos de idade. Nesse processo chegaram a ser denunciados 45 PM's. Na qual foi acatada a denúncia contra 44, todos preventivamente presos. Tempo depois, dez

---

<sup>22</sup> Geledés - Instituto Da Mulher Negra faz divulgação de conteúdos que defendem os direitos humanos e nesse caso faz denúncias as chacinas que ocorreram no país e no mundo. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/quanto-sangue-derramado-o-genocidio-do-povo-negro/>. Acesso em: 22 de março de 2018.

<sup>23</sup> Globo, **Estátua que lembra chacina no Beco do Candeeiro em Cuiabá deve permanecer após polêmica**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/estatua-que-lembra-chacina-no-beco-do-candeeiro-em-cuiaba-deve-permanecer-apos-polemica.ghtml>. Acesso em: 22 de março de 2018.

<sup>24</sup> Brasil de Fato, **Mães de Maio: a reação contra a violência do Estado**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/05/13/surgido-da-dor-maes-de-maio-se-tornam-referencia-no-combate-a-violencia-do-estado/>. Acesso em: 22 de março de 2018.

<sup>25</sup> Correio, **Cabula: DPT diz que não há indício de execução e que houve confronto na Vila Moisés**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cabula-dpt-diz-que-nao-ha-indicio-de-execucao-e-que-houve-confronto-na-vila-moisés/>. Acesso em 22 de março de 2018

tiveram prisão revogada, mas posteriormente 43 deles foram libertos e apenas um ficou detido.

26

No dia 13 de novembro de 2017, ainda me lembro como se fosse hoje, pois estava voltando da casa de amigos e, minutos após a minha chegada em casa, no bairro da Sapiranga, periferia de Fortaleza, onde fica a comunidade do Muro Alto, cerca de 20 homens invadiram o Centro de Liberdade Mártir Francisca, fortemente armados, retiraram seis internos e depois quatro foram mortos, com idade entre 12 a 17 anos, escutamos os disparos, pois é uma rua paralela a minha. Foram presas 8 (oito) pessoas pela participação dessa chacina.<sup>27</sup>

No dia 27 de janeiro de 2018, no bairro Cajazeiras, bairro periférico de Fortaleza, ocorreu a maior chacina da história do Ceará, que atingiu 14 pessoas, sendo metade jovens, por sua maioria mulheres e trabalhadores que estavam no local. Três carros chegaram atirando próximo ao Forró do Galo, posteriormente entram e começam a atirar em vítimas aleatórias. As investigações estão sendo coordenadas pela Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) e dez pessoas que são as suspeitas de terem participado do massacre estão presas e 4 (quatro) seguem foragidas.<sup>28</sup>

Antes de realizar uma breve análise sobre esses massacres, é importante relembrar de 3 (três) casos que continuam latentes na memória do povo brasileiro, em especial aos que lutam por justiça e pelo combate ao racismo. Gostaria de lembrar de Amarildo Dias de Souza, aos 48 anos, pai de seis filhos, auxiliar de pedreiro, morador da Rocinha, no Rio de Janeiro, foi conduzido por policiais militares da Unidade de Polícia Pacificadora – UPP, que desde o dia 14 de junho de 2013 está desaparecido. Foi realizada uma campanha nas redes sociais “Onde está Amarildo”, com apoio de movimentos sociais. Amarildo é um importante símbolo de resistência contra o abuso de violência policial e até hoje não teve direito à justiça.<sup>29</sup>

Já Cláudia Silva Ferreira, aos 38 anos, mãe de quatro filhos, auxiliar de limpeza, moradora do Morro da Congonha, em Madureira, no Rio de Janeiro, que foi morta por policiais militares quando ia comprar alimentos, durante a troca de tiros, no dia 16 de março de 2014.

---

<sup>26</sup> Globo, **Agiram friamente, diz MPCE sobre ação de PMs na chacina de Messejana**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/09/agiram-friamente-diz-mpce-sobre-acao-de-pms-na-chacina-de-messejana.html>>. Acesso em: 22 de março de 2018.

<sup>27</sup> O Povo Online, **Polícia prende oitavo suspeito de participar da Chacina da Sapiranga**. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/01/policia-prende-oitavo-suspeito-de-participar-da-chacina-da-sapiranga.html>>. Acesso em: 22 de março de 2018

<sup>28</sup> Globo, **Polícia prende décimo suspeito de matar 14 pessoas na maior chacina do Ceará; 4 seguem foragidos**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/policia-prende-decimo-suspeito-de-matar-14-pessoas-na-maior-chacina-do-ceara-4-seguem-foragidos.ghtml>>. Acesso em: 05 de junho de 2018.

<sup>29</sup> Memória Globo, **Caso Amarildo**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/caso-amarildo/caso-amarildo-a-historia.htm>>. Acesso em: 22 de março de 2018.

Os policiais a colocaram no porta-malas, fingindo que iriam levá-la ao hospital, iriam tentar forjar um álibi, mas seu corpo caiu para fora do porta-malas, onde foi arrastada por mais de 300 metros, pois ficou presa pela roupa. Essa imagem foi gravada e divulgada e ganhou repercussão internacional. Foi realizado a campanha nas redes sociais “100 vezes Cláudia”. Mesmo após 4 (quatro) anos, ainda não se tem resolução dessa barbaridade cometida pela polícia militar.<sup>30</sup>

E a mais recente vitimada, Marielle Francisco da Silva. Conhecida como Marielle Franco, aos 38 anos mãe, socióloga, feminista, vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, quarta mulher mais votada nas eleições de 2016, nascida no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, lutava em defesa dos direitos humanos e vivia desde 2000 um relacionamento com uma companheira, foi executada por denunciar a intervenção federal no Rio de Janeiro e da Polícia Militar. E nos perguntamos: Quem Mandou Matar Marielle?<sup>31</sup>

Não é fácil ter que lembrar esses casos que causam dor e desespero, que nos deixam sem ar e nos fazem chorar. Nos indigna ver que em todas essas execuções existem algo em comum, seja as que foram vitimadas pela polícia militar, ou pelas facções que disputam o tráfico. O que há em comum é que a maioria das pessoas executadas são de periferias, empobrecidas e negras. Daí me pergunto, o que há por trás do genocídio no Brasil? Muito perceptível quando se visualiza os corpos estendidos no chão, quando se olha o território onde ocorreu, se percebe-se que o racismo estrutura essas mortes e o principal alvo é o povo negro. Não escapa ninguém, adolescentes, mães, pais, estudantes, trabalhadores e trabalhadoras. Dentre todos os casos relatados apenas a Chacina da Sapiranga e Cajazeiras não foram realizadas por policiais militares, entretanto ambas são as que mais possuem suspeitos presos. Enquanto nas restantes, vemos a impunidade se proliferando, na qual a força armada do estado mata e não há justiça. Alguns elementos podem justificar tais atos, mas a naturalização da perda da vida do povo negro é uma delas, a qual se vulgariza nos programas policiais e no conjunto da sociedade brasileira. Até hoje o Projeto de Lei 4471/12 que tenta pôr fim aos “autos de resistência” ou “resistência seguida de morte”, que é a justificativa que licencia a polícia civil

---

<sup>30</sup> A nova democracia. **Bárbaro assassinato de Claudia completa quatro anos sem punição.** Disponível em: <<http://anovademocracia.com.br/noticias/8441-rj-barbaro-assassinato-de-claudia-completa-quatro-anos-sem-punicao>>. Acesso em: 30 de março de 2018.

<sup>31</sup> Site que cuida da memória viva de Marielle e ajuda a organizar intervenções. Disponível em: <<https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora>>. Acesso em: 25 de maio de 2018.

e militar de cometer crimes e que não ocorra investigação dos casos. Portanto, a provação do PL garantirá pelo menos que haja investigação a lesão decorrente de intervenção policial.<sup>32</sup>

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2017), 21.892 pessoas perderam suas vidas em ações policiais durante os anos de 2009 a 2016, sendo 99,3% do sexo masculino, 81% 8 possuir entre 12 e 29 anos, 76, 2% sendo negros. Em 2016 foram mortas 4.222 pessoas por ações policiais, a polícia que mata também morre tendo 453 policiais mortos, sendo 98,2% do sexo masculino, 63, 6% entre 30 a 49 anos, 56% negros.<sup>33</sup> Por isso, é necessário cobrar a postura violenta que a polícia militar se coloca nas periferias, tendo ainda a base a lógica de acabar com o inimigo, tendo como suspeito o povo negro. E de acordo com os dados produzidos pela Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI sobre o assassinato de jovens negros no Brasil indica que:

A Guerra às Drogas proporcionou uma cisão importante no tecido social das cidades. De um lado, constata-se a omissão do Estado, que apresenta a violência coercitiva como sua principal face de intervenção nas favelas, que faz com que os residentes prefiram mesmo a ausência do Estado. Isso fortalece a presença do tráfico como poder paralelo que organiza a vida da comunidade. (BRASIL, 2015).<sup>34</sup>

E a partir dessas reflexões, pode-se compreender melhor que a sociedade brasileira foi constituída a partir de problemas sociais, cujo racismo estrutura essa desigualdade, que se baseia nos mais de três séculos de persistência da escravização e na exclusão dos acessos aos direitos ao povo negro periférico. Onde o legado é o sangue negro.

*“Vocês querem nos matar, nos controlar  
Vocês não vão nos calar  
Mesmo sangrando a gente vai tá lá  
Pra marchar e gritar  
Eu sou Marielle, Cláudia, eu sou Marisa  
Eu sou a preta que podia ser sua filha  
Solidariedade, mais empatia  
O povo preto tá sangrando todo dia  
Eu não aguento mais viver oprimida  
Nesse país sem democracia”*

(Marielle Franco – MC Carol)<sup>35</sup>

<sup>32</sup> Câmara dos DEPUTADOS, **Projeto de Lei 4471/2012**. Disponível em:

<<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=556267>>. Acesso em: 30 de março de 2018.

<sup>33</sup> FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. 11ª Edição. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017 Disponível em:

<[http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO\\_11\\_2017.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO_11_2017.pdf)>. Acesso em: 30 de março de 2018.

<sup>34</sup> BRASIL. Câmara dos Deputados. **Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquerito Homicídios de Jovens Negros e Pobres**. Ministério da Educação. Brasília, Julho de 2015. Disponível em:

<[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1361419&filename=REL+2/2015+CPIJOVEM](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1361419&filename=REL+2/2015+CPIJOVEM)>. Acesso em: 30 de março 2018.

<sup>35</sup> MC Carol. Ft. Heavy Baile. **Marielle Franco**. 2018. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=iPoHMYfxD0Q>>. Acesso 30 de março de 2018.



## 9 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A partir de alguns elementos conceituais refleti através de intelectuais do campo das humanidades para conseguir consolidar melhor uma base teórica de uma análise mais concreta dos eixos que sustentam as relações de poder do mundo contemporâneo, no qual as raízes do passado continuam suleando as relações históricas, sociais, econômicas, políticas e ideológicas. E a partir das contribuições do cientista social peruano Aníbal Quijano (2005), em um capítulo intitulado “*Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*”<sup>36</sup>, iremos absorver formulações para compreensão da construção de uma nova perspectiva de poder mundial, que começou na constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado, tendo a globalização como ponto culminante desse processo.

A construção de uma ideologia hegemônica foi constituída por relação de diferenciação entre superiores e inferiores, entre europeus e não europeus e justificou a exploração, colonização e escravização por partes dos setores da Europa sobre outras nações, influenciado consideravelmente pela idealização no imaginário social de um pensamento eurocêntrico. E com isso ocorreu a manutenção do pensamento de dominação imperial, através de representações sociais que ganharam apoio popular, reforçaram a legitimidade da visão etnocêntrica do mundo, que começa hierarquizando os povos, raças e culturas a partir da visão de avaliar os valores, modelos e definições de existência. Sendo realizado o enraizamento através da:

*Classificação social da população mundial de acordo com a idéia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial. (QUIJANO, p.117, 2005).*

Quijano (2005) demonstra que a origem da racialização dos povos é oriunda dos moldes coloniais, mas que conseguiu romper as barreiras do colonialismo, seguindo com mais tempo e estabilidade no meio social internacional. Sendo o principal elemento da colonialidade que

---

<sup>36</sup> Essa é a obra que utilizo foi traduzida para Português. QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: Edgardo Lander (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-278. Disponível em: <[http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf)>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

garante mais hegemonia no padrão do poder. Ele apresenta que há dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Um é a constituição da diferenciação entre “conquistadores” e “conquistados” atravessada pela ideia de raça, ou seja, supondo a superioridade de uns em relação aos outros por meio das diferenças biológicas. Sendo esse o eixo fundamental da sustentação das relações de dominação que classificou a América e depois o mundo. E o outro eixo é o controle do capital e do mercado mundial, através da articulação de todas as formas possíveis do controle dos recursos naturais, da força de trabalho da população e produção gerada.

Foram criadas na América identidades sociais que foram embasadas pelas diferenças fenotípicas, legitimadas por supostas diferenças nas estruturas biológicas. Assim, surgindo conceituações como índios, negros, mestiços, espanhóis, portugueses e, posteriormente, europeu. Termos que anteriormente serviam apenas para situar as posições geográficas ou de nação, porém, passaram a ter conotação racial. Sendo constituídas hierarquias, papéis e lugares sociais e que embasaram as relações de dominação. Portanto, afirmando que “raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.” (QUIJANO, p. 117, 2005). Essa elaboração teórica acabou abrindo espaços para naturalização das relações coloniais de dominação entre europeus e não europeus. Sendo o Europeu o branco e os outros sendo pessoas de cor, no qual demonstrou uma nova forma de tentar garantir pensamentos e práticas antiquada que possuíam uma relação binária entre superiores e inferiores entre dominantes e dominados (QUIJANO, p. 118, 2005). Os dominantes se afirmavam enquanto brancos, os índios e negros os dominados, sendo os últimos mais importantes por ser parte fundamental da produção da economia. Assim, *raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade.*

Olhando para diversos olhares, em uma perspectiva mostra que a construção histórica da América, as relações entre “capital – salário” e do mercado mundial se faziam através do *controle e exploração do trabalho e controle da produção-apropriação-distribuição de produtos*. Tendo a escravização, a servidão, microprodução mercantil, as trocas e o salário nessas relações como formas de controle do trabalho socialmente e historicamente novas, por serem criadas e organizadas para produção de mercadorias para o mundo, não possuindo apenas nas relações simultâneas de espaço/tempo, mas sendo articuladas com o capital e mercado. (QUIJANO, p.118, 2005). Assim, caracterizando-se como um “novo padrão global de controle do trabalho”, portanto, um novo elemento prioritário de um novo padrão de poder. E, assim, configurando o desenvolvimento de novos traços histórico-estruturais.

*Na medida em que aquela estrutura de controle do trabalho, de recursos e de produtos consistia na articulação conjunta de todas as respectivas formas historicamente conhecidas, estabelecia-se, pela primeira vez na história conhecida, um padrão global de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. E enquanto se constituía em torno de e em função do capital, seu caráter de conjunto também se estabelecia com característica capitalista. Desse modo, estabelecia-se uma nova, original e singular estrutura de relações de produção na experiência histórica do mundo: o capitalismo mundial. (QUIJANO, p.118, 2005).*

Aos índios foi dado a servidão, aos negros a escravização e aos ibéricos, majoritariamente brancos, sendo classe dominante, o acesso a salário, sendo produtores independentes de mercadorias e aos nobres as posições da administração colonial, civil ou militar. Assim, percebe-se que essas construções dessas identidades e associação delas aos papéis e lugares sociais formulou essa nova estrutura mundial do controle do trabalho. Acreditando que o elemento raça e divisão do trabalho possuem uma relação intrínseca, como também podendo funcionar independentemente. Assim, se estruturou o que chamamos de o modo de produção capitalista. Nesse processo percebe-se uma “divisão racial do trabalho”. Portanto, o racismo estruturando as posições dos trabalhos e as formas em que o capitalismo colonial explora o povo. E essa relação de dominação utilizou de uma nova tecnologia de dominação/exploração, ou seja, raça/trabalho e até nos dias de hoje esse modelo continua explorando o povo. (QUIJANO, p.119, 2005).

Se avança cada vez mais esse modelo de exploração da mão-de-obra humana, pois reproduz todas as contradições da sociedade capitalista, que surge desse processo, como afirmou Karl Marx, em o Capital, que "a estrutura econômica da sociedade capitalista surgiu da estrutura econômica da sociedade feudal. A dissolução desta última liberou os elementos daquela." (MARX, 2013, p.961).

Joaze Bernardino-Costa (2016)<sup>37</sup> busca em Frantz Fanon contribuições para afirmar que existe uma divisão maniqueísta do mundo entre “zona do ser e do não ser” produzido pelo colonialismo, através da estruturação do racismo. Situação na qual os povos que foram colonizados, em especial, o povo negro, estão na zona do não-ser, portanto, não possuem visibilidade perante os olhares imperiais. Nesse contexto se faz necessário que o negro busque

---

<sup>37</sup> BERNARDINO-COSTA, Joaze. **A Prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!**. Civitas: Revista de Ciências Sociais, v. 16, p. 504-521, 2016.

afirmar sua identidade e seu corpo. E, assim, conhecendo a si próprio para conseguir reinventar um projeto político humanista. Fanon afirma que a principal característica de uma sociedade pós-colonial é o racismo, que hierarquiza a humanidade, através de superiores e inferiores e que gerou muitos impactos na compreensão do que conhecemos como humanos. Afirma também que se construiu um projeto de emancipação da colonialidade, sendo um dos principais autores que constituem um projeto decolonial.

O escritor martinicano, em uma de suas principais obras mais lidas no mundo, *Masques Blancs de Peau Noire*, lançada na França em 1952<sup>38</sup>, demonstrou como o negro introduz um complexo de inferioridade, na tentativa de embranquecer para ter reconhecimento, por meio da língua, do pensamento e por fim age como os brancos, até que se rompe a máscara branca, pois “onde quer que eu vá, preto permanece preto”. Portanto, ele acredita que se faz necessário que o negro consiga superar os limites impostos pelo complexo colonial de inferioridade, assim, voltando a ter humanidade.

Quando analisamos essas “máscaras brancas” que até hoje muitos negros e negras ainda tentam possuir, vemos o quanto a opressão colonial e o racismo foram enraizados e que atinge essas vidas cotidianamente. Porque muitas vezes não conseguem se enxergar enquanto negro, por raízes históricas e sociais que os colocaram em um lugar de “não ser”. E quando observamos o dia a dia, ainda vemos esse lugar, em que não possuem valor, quando observamos as vidas negras sendo perdidas e não gerando comoção social, quando observamos quem é maioria das pessoas que estão sendo encarceradas, ou pessoas em situação de rua e entre outros papéis sociais que não possuem visibilidade nesse contexto social.

E para que possamos ampliar as reflexões desse processo é fundamental dialogar sobre as contribuições do feminismo negro, através de algumas autoras: afro-americanas e caribenhas, como Patrícia Hill Collins, Audrey Lorde e Angela Davis, que conseguem ampliar as reflexões dos impactos coloniais na sociedade e a importância da interseccionalidade para a emancipação coletiva.

Patrícia Hill Collins (1990) através da sua obra, *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*<sup>39</sup>, apresenta como a interseccionalidade mudou as reflexões dos contextos materiais, sociais e intelectuais. Contribuiu para o

---

<sup>38</sup> **Pele Negras Máscaras Brancas**, traduzida para o português em 1963, tendo a última tradução por Renato da Silveira, EDUFBA. 194. 2008. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/frantz-fanon-pele-negra-mascaras-brancas-download/>>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

<sup>39</sup> **Feminismo Negro, Interseccionalidade e Política Emancipatória**, traduzida por Bianca Santana. v. 5, n. 1 (2017) 9a Edição: Revista Parágrafo: Janeiro-Junho de 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>>. Acesso em 10 de abril de 2018

reconhecimento do papel do feminismo negro, do movimento social que pautou questões de raça, classe, gênero e sexualidade como instrumentos de intersecção do poder. Inicialmente sendo tratadas de formas distintas, mas que ao longo do tempo e das lutas sociais, a academia nomeou e legitimou como interseccionalidade e também sua contribuição nas “políticas emancipatórias contemporâneas”. Inicia reafirmando a relação do feminismo negro, nos Estados Unidos, nos anos de 1960 e 1970, com a interseccionalidade. Tendo sido de um acúmulo de um projeto do feminismo negro, nos movimentos sociais, no século XX, mostrando o papel das mulheres afro-americanas nesse processo. Contextualiza que o início do campo de estudos sobre raça/classe/gênero era oriundo dos movimentos sociais e que contribuíram para as disputas acadêmicas, assim, a acadêmica conseguiu fortalecer e dar mais legitimidade para essas discussões.

Quem conceituou o termo interseccionalidade foi a feminista afro-americana Kimberlé Crenshaw, que em um artigo em 1991 conseguiu identificar os limites das inter-relações estruturais e simbólicas no desenvolver da interseccionalidade como projeto de conhecimento. E a partir daí conseguiu cada vez mais fortalecer a importância desse conceito nas análises acadêmicas e dando mais embasamento para as lutas sociais. Mesmo que muitas vezes ainda nos dias de hoje tentam colocar os movimentos feministas enquanto separatistas, vê-se que foram as feministas que conseguiram contribuir para que os desafios que a interseccionalidade apresenta conseguisse fortalecer o avanço das políticas emancipatórias, portanto, na emancipação do conjunto da sociedade, principalmente, nesse contexto político e epistêmico em que a academia reproduz a lógica neoliberal, ou seja, valorizando interesses individuais, privados, no lugar do bem público e das resoluções dos problemas sociais.

Audrey Lorde (1980) em seu ensaio, *Race, Class and Sex: Women Redefining Difference*<sup>40</sup>, contribuiu bastante para que possamos entender melhor esse olhar binário do que a história europeia/ocidental tentou condicionar os olhares das diferenças de forma simplistas, no qual acaba sendo ocupando a característica de inferioridade e desumanização o povo negro, oriundo dos países subdesenvolvidos, pessoas da classe operária, pessoas idosas, mulheres e homossexuais. E que apresenta que a rejeição institucional da diferença é uma questão básica para a existência do lucro, que para seguir firme e forte precisa de pessoas marginalizadas.

---

<sup>40</sup> *Idade, raça, classe e sexo: Mulheres redefinindo a diferença*. Texto traduzido para a disciplina de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais da Universidade de Brasília (UnB) ministrada pela professora Virgínia Vasconcelos Leal. Através da publicação inicial: *Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference*. Paper delivered at the Copeland Colloquium, Amherst College, April 1980. Reproduced in: Sister Outsider Crossing Press, California 1984. Disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/2015/11/traducao-idade-raca-classe-e-sexo.html>>. Acesso em: 10 de maio de 2018

Realiza críticas ao feminismo das mulheres brancas que apenas falam de sua opressão enquanto mulheres, ignorando diferenças de raça, classe, orientação sexual e idade. E afirma que a “sororidade” é uma falácia, pois supõe uma relação homogênea de experiências, na qual não existe realmente. E ela também questiona muito a dificuldade do entendimento da importância da pauta das mulheres lésbicas, na qual afirma que as mulheres negras insistem em dizer que isso é problema das mulheres brancas, propondo que as lésbicas negras são uma ameaça para a população negra, pois realiza uma negação do ser negro. De um lado as mulheres negras lésbicas sofrem racismo das mulheres brancas, de outro sofrem homofobia das suas irmãs negras.

Assim, contribuindo ainda mais para reflexões interseccionais que nos ajudam a entender outros elementos como a orientação sexual e idade fazendo parte também desses marcos de opressão que a sociedade capitalista colonial difundiu ao longo das américas, influenciando cotidianamente para que contribua para a exclusão desses segmentos. E ela finaliza esse ensaio mostrando que é muito importante que haja unidade em objetivos comuns, mas sem esquecer das diferenças de cada uma. E que se faz necessário “novas definições do poder e novos modelos de relação entre as diferenças”. E que isso pode ser uma via para a “sobrevivência de todas as mulheres”, sejam elas negras, brancas, adultas, jovens, lésbicas ou héteras.

E quando passamos a Angela Davis, que é uma feminista afro-americana, socialista, foi integrante das Panteras Negras e professora aposentada de História da Universidade de Califórnia, nos Estados Unidos, vemos o quanto a luta das mulheres negras está intrínseca às lutas pela emancipação do povo. De acordo com seu livro, “Woman, race&class” é necessário a compreensão de que a luta anticapitalista deve estar atrelada por categorias como raça, classe e gênero através de perspectivas interseccionais, sem que haja hierarquias de opressões, mas sim o entendimento que o sistema utiliza da supremacia patriarcal, classista e racista para impor opressão e inclusive também estando presentes no conjunto dos movimentos sociais norte-americanos.

Ela afirma que o “legado da escravatura” fortaleceu a resistência das mulheres negras, que nunca foram dominadas, mas que sofreram nos trabalhos árduos, no chicote dos seus donos, mas que protegeram suas famílias e lutaram contra a escravatura. Que se rebelaram quando não poderiam falar em público, denunciando o lugar nas quais estavam da rude condição e que muitas vezes foi não foi concebido nem o direito enquanto mulher, mas que a luta fortificou que elas não eram apenas mulheres, mas sim mulheres negras. Mostrando muitos exemplos de que mulheres negras em unidade foram capazes de modificar sua realidade, de criar formas de resistência coletiva e de se libertarem das opressões.

E no capítulo 3, ela apresenta os conflitos raciais e de classe dentro do movimento de mulheres, onde afirma que

*As líderes do movimento do direito das mulheres não suspeitaram que a escravatura do povo negro no Sul, a exploração económica de trabalhadores no Norte e a opressão social das mulheres pudessem estar sistematicamente relacionados. Com o início do movimento de mulheres, pouco foi dito sobre as pessoas trabalhadoras – nem sobre as mulheres brancas trabalhadoras. Muitas das mulheres que apoiavam a campanha abolicionista, falharam em integrar a sua consciência anti escravatura na sua análise da opressão sobre as mulheres. (DEVIS, 2016, p.52).*

Assim, ela apresenta como Karl Marx afirmou que “o trabalho na pele branca nunca pode ser livre enquanto o trabalho na pele negra é marcado a fogo com um ferro”.

Portanto, esses autores e autoras contribuem para um olhar mais transversal sobre a realidade do mundo capitalista neocolonial, na qual organiza e transpassa as relações de opressão de raça, classe, gênero e sexualidade, construindo o que Aníbal Quijano conceitua como Colonialidade do Poder. Assim, podemos ampliar os horizontes para compreensão que para libertar nosso povo do genocídio devemos contrapor esse sistema que cotidianamente executa corpos negros.

## 10 METODOLOGIA

A partir do entendimento que a escolha das técnicas a serem apresentadas irão depender do tema ser pesquisado, pois nem todas as técnicas são adequadas para todas os trabalhos de pesquisas. Prefiro utilizar para confirmar as motivações do fenômeno genocida à juventude negra em Fortaleza as reflexões de Ignácio Cano (2012) que apresenta que as pesquisas exitosas utilizam de “*técnicas eminentemente qualitativas em conjunto com outras quantitativas...Em suma, ambas as abordagens podem ser consideradas complementares muito mais do que antagonicas*”<sup>41</sup>. (CANO, 2012, p. 110). Portanto, não há dicotomia entre as técnicas, mas sim

---

<sup>41</sup> CANO, Ignacio. **Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil.** *Sociologias*, Porto Alegre, ano 14, n. 31, set./dez. 2012, p. 94-119. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v14n31/05.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2018.

*ambas ajudam a fortalecer elementos para justificar empiricamente essa pesquisa, sendo ela embasada através do método qualitativo e quantitativa.*

A técnica de trabalho de coleta de dados utilizada será documental com utilização da edição do Atlas (2017) e do Mapa da Violência (2016), que possui base nos dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde – SIM/DATASUS e é realizado pela Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO). Tais edições contém informações sobre violência letal no Brasil, nas regiões, estados, capitais, municípios e também comparações internacionais.

Subsidiando as reflexões sobre esse “fenômeno genocida” em Fortaleza, realizarei a partir de importantes contribuições de autores como Achilles Mbembe, Michel Foucault, Gioige Agaben, Anibal Quijano, Fantz Fanon, Patrícia Hill Collins e Ângela Davis e entre outros autores (as) que nos fornece um leque de ferramentas conceituais que contribuem para uma melhor interpretação da realidade do contexto social, ou seja, através de uma pesquisa em parte bibliográfica.

Já outra técnica de pesquisa que será utilizada será o grupo focal, que é um método de entrevista qualitativa, que reunirá até no máximo 10 pessoas, entre elas membros da família, amigas e amigos e comunidade, nas quais tiveram infelizmente ter que conviver com a perda. Para que possamos ter mais uma ferramenta de análise dos dados coletados durante o projeto. Tendo o Lócus as comunidades da cidade de Fortaleza, nas quais são marcadas como as maiores chacinas do Ceará, que é a comunidade de Cajazeiras e a grande Messejana. Através de entrevista com planejamento e construção do roteiro pré-definido. A partir da relação com os (as) entrevistados (as) poderão ser aprofundadas questões pertinentes dos traumas causados na comunidade, entre familiares e amigos (as).

## **11 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

A cidade de Fortaleza a partir dos dados do Atlas e do Mapa da Violência demonstra que é uma Capital que faz parte do cenário da “Necropolítica” no qual principalmente suas periferias, como as que sofreram com chacinas, são as que mais vivenciam a violência letal. Tendo como corpos negros e periféricos as principais vítimas, sem medidas reparatórias.

Os estudos pós-coloniais ajudam a compreender melhor a barbárie que a sociedade contemporânea se tornou, graças ao capitalismo neoliberal que conduziu marcas de opressões através da hierarquização de raça, classe, gênero, território e geração.



Por isso é preciso fortalecer medidas para barrar a cultura de práticas violentas, portanto, ter um maior controle em relação ao acesso as armas de fogo, diminuição dos conflitos territoriais pela disputa entre as facções e que os crimes cometidos pela força armada do estado sejam investigados e que suas corporações sejam formadas com perspectivas de respeito aos direitos humanos. Criando medidas de combate ao racismo e garantindo políticas públicas para os territórios que historicamente fazem parte da necropolítica.



## 13 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S. **Racismo, criminalidade violenta e justiça penal.** Estudos Históricos, n. 18, 1996.

ALVES, Jaime Amparo. **Necro-política racial: a produção espacial da morte na cidade de São Paulo.** Revista da ABPN, Volume 1, número 3, nov. 2010 - fev. 2011 - ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewArticle/100>>. Acesso em: 20 de março. 2018

ARAÚJO, Henrique. **Nossos canhões imaginários.** O Povo. Fortaleza, 13. abr. 2015. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/especiais/fortaleza/289anos/2015/04/06/notfortalez/289,3417403/nossos-canhoes-imaginarios.shtml>>. Acesso em: 10 de março de 2018.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **A Prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!.** Civitas: Revista de Ciências Sociais, v. 16, p. 504-521, 2016.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquérito Homicídios de Jovens Negros e Pobres.** Ministério da Educação. Brasília, Julho de 2015. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1361419&filena me=REL+2/2015+CPIJOVEM](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1361419&filena me=REL+2/2015+CPIJOVEM)>. Acesso em: 30 de março 2018.

CANO, Ignacio. **Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil.** Sociologias, Porto Alegre, ano 14, n. 31, set./dez. 2012, p. 94-119. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v14n31/05.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2018.

CERQUEIRA, D e COELHO, D. (2017). **Democracia Racial e Homicídios de Jovens Negros na Cidade Partida.** TD 2267 - Ipea, Brasília, Janeiro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Atlas da Violência 2017.** Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Rio de Janeiro, jun. 2017.

CHAVEZ, Marjore Nogueira. **Para Além da Cor: questão social e genocídio da juventude negra.** VI Jornada Internacional de Políticas Públicas. UFMA. Maranhão. 2013.

COLLINS, Patrícia Hill. **Feminismo Negro, Interseccionalidade e Política Emancipatória,** traduzida por Bianca Santana. v. 5, n. 1 (2017) 9a Edição: Revista Parágrafo: Janeiro-Junho de 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>>. Acesso em 10 de abril de 2018

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** S.Paulo: Boitempo, 2016 [1981].

DELMANTO, Júlio. **Camaradas caretas: drogas e esquerda no Brasil após 1961.** 2013. Disponível em: <[http://www.neip.info/downloads/2013\\_JulioDelmanto.pdf](http://www.neip.info/downloads/2013_JulioDelmanto.pdf)>. Acesso em: 10 de março de 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/frantz-fanon-pele-negra-mascaras-brancas-download/>>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 11º Edição**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017 Disponível em: <[http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO\\_11\\_2017.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO_11_2017.pdf)>. Acesso em: 30 de março de 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. Disponível em: <[http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault\\_vigiar\\_punir.pdf](http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault_vigiar_punir.pdf)>. Acesso em: 20 de março de 2018.

LEMPKIM, Raphael. **Genocide. American Scholar**, Volume 15, no. 2 (April 1946), p. 227-230. Disponível em: <<http://www.preventgenocide.org/lemkin/americanscholar1946.htm>>. Acesso em: 17 fev 2018.

LORDE, Audrey. **Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference**. Paper delivered at the Copeland Colloquium, Amherst College, April 1980. Reproduced in: Sister Outsider Crossing Press, California 1984. Texto traduzido para a disciplina de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais da Universidade de Brasília (UnB) ministrada pela professora Virgínia Vasconcelos Leal. Disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/2015/11/traducao-idade-raca-classe-e-sexo.html>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Disponível em: <<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/o-genocidio-do-negro-brasileiro-processo-de-um-racismo-mascarado-abdias-do-nascimento.pdf>>. Acesso em: 18 de março de 2018.

OLIVEIRA JUNIOR, A.; LIMA, V. C. A. **Segurança pública e racismo institucional**. Boletim de Análise Político Institucional do Ipea, 2013.

O Povo Online, **entrevista com JULIO JACOBO WAISELFIZ**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2016/07/11/noticiasjornalpaginasazuis,3634207/as-leituras-da-sociedade-que-elege-pessoas-mataveis.shtml#.V4Ocxv8-d3s.facebook>>. Acesso em: 10 de março. 2018.

PAIVA, Luiz Fábio S. **Mortes na periferia: considerações sobre a chacina de 12 de novembro em Fortaleza**. Revista o público e o privado. n (26). PPS UECE. 2015 . Disponível em: <<http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=1414>>. Acesso em: 21 de março de 2018.

ONU. **Por uma Política de Drogas mais Humana e Eficiente**. Disponível em: [http://www.onu.org.br/img/2013/01/drogas\\_illona.pdf](http://www.onu.org.br/img/2013/01/drogas_illona.pdf)>. Acesso em: 10 de fev. 2018.

QUEIROZ, Leonardo. Via Guest Post para o Geledés. **O genocídio da juventude negra no Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-genocidio-da-juventude-negra-no-brasil/>>. Acesso em: 10 de março. 2018.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina**". En Colonialidad Del Saber Y Eurocentrismo. Edgardo Lander, ed. UNESCO-CLACSO 2000. Buenos Aires, Argentina.

SAMPAIO, TAMIRES. **SEGURANÇA PÚBLICA E CIDADANIA: O GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA NO BRASIL**. Trabalho de Conclusão de Curso. UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. 2016

SCHABAS, William A. **CONVENTION FOR THE PREVENTION AND PUNISHMENT OF THE CRIME OF GENOCIDE**. Pg.1. Disponível em: <[http://legal.un.org/avl/pdf/ha/cppcg/cppcg\\_e.pdf](http://legal.un.org/avl/pdf/ha/cppcg/cppcg_e.pdf)>. Acesso em: 15 de março de 2018.

SIM/DAdASUS/MS. **O Sistema de Informações sobre Mortalidade**. S/1, 1995. MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas. Brasília, 1998.

SINHORETTO, JACQUELINE ; DE SOUZA MORAIS, DANILO . **Violência e racismo: novas faces de uma afinidade reiterada**. Revista de Estudios Sociales, v. 64, p. 15-26, 2018.

UOL. **A Falência da Guerra Contra as Drogas**. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/direito/a-falencia-guerra-contra-as-drogas.htm>>. Acesso em: 10 de fev. 2018.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPP/PR, 2012. Disponível em: <<https://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em 10 de fev de 2018.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2015: Mortes Matadas por Armas de Fogo**. Rio de Janeiro, FLACSO/CEBELA, 2015. Disponível em: <<https://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em 10 de fev de 2018.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2016: Homicídios por arma de fogo no Brasil. Mortes Matadas por Armas de Fogo**. Rio de Janeiro, FLACSO/CEBELA, 2016. Disponível em: <<https://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em 10 de fev de 2018.

ZALUAR, Alba. **Um século de favela**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.